



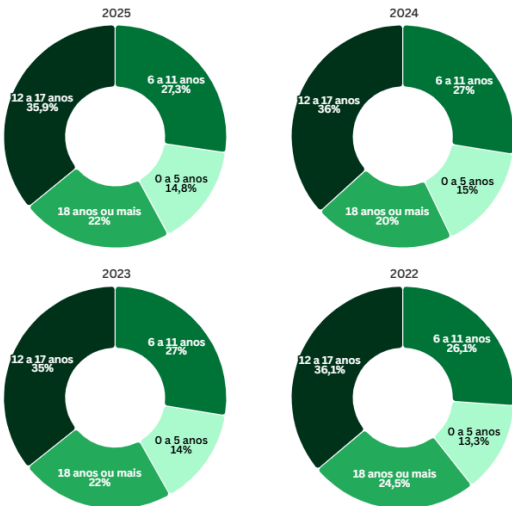
Crimes que violam a sexualidade de crianças e adolescentes – pessoas em pleno desenvolvimento – estão entre os que mais chocam a sociedade. Pública (Supesp), analisados pelo *Diário do Nordeste*, os percentuais oscilam entre 75% e 79% dos procedimentos realizados pela Polícia Civil que compreendem “todos os crimes de estupro, estupro de vulnerável e exploração sexual de menor”.

Enfrentar esse problema histórico envolve, primeiro, entender e respeitar crianças e adolescentes enquanto sujeitos detentores de direitos. Antes enxergados como pequenos adultos, eles passaram a contar com proteção legal no Brasil há menos de 100 anos, ainda que no contexto de “menores” desassistidos e abandonados.

O termo “menor”, por vezes ainda utilizado para se referir a essa parcela da população, reproduz a noção de incapacidade na infância, hoje é considerado ultrapassado por remeter ao extinto Código de Menores, de 1927 – substituído, em 1990, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Perfil das vítimas

Crianças e adolescentes representam 78% dos crimes sexuais no Ceará



Fonte: Painel Dinâmico da Supesp-CE | Dados de 2015 a 2025
Made with Flourish • Create a chart

Essa é a segunda reportagem da série “Infância ameaçada”, que discute como e por que crimes contra a sexualidade de jovens continuam ocorrendo, apesar de condenados pela sociedade, as vias de acolhimento para vítimas e as ações para preveni-los.

Psicólogo do Instituto Terre des Hommes (TdH Brasil), Pedro Alisson reafirma que dados do Atlas da Violência e do Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que a maioria dos casos de abuso sexual acontece dentro de casa – um local justamente onde, muitas vezes, impera o silêncio.

“Não é curioso que o mesmo ambiente que rejeita falar sobre

educação sexual seja, muitas vezes, o lugar onde o abuso acontece?”, questiona.

Na observação dele, muitos casos podem ser acobertados por outros familiares porque quem comete a violência é quem sustenta a família, gerando situações de **medo, vergonha ou dependência financeira**. Em outros casos, o agressor é um adolescente, e a família teme a responsabilização e a internação no sistema socioeducativo.

Independente do motivo, as crianças continuam sendo violentadas, “e essa é uma das formas mais terríveis de violência que existem”, ressalta Pedro.



Legenda: Violência sexual pode impactar tanto a saúde física como a mental das crianças, gerando repercussões negativas a longo prazo.
Foto: José Avelino Nieto.

“É um problema multifatorial, não tem como apontar só uma causa”, reforça Karine Leopércio, promotora de Justiça e coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Saúde (Caosaúde) do Ministério Público do Ceará (MPCE).

Para ela, é difícil tratar o problema porque ele também esbarra em questões históricas e sociais dos agressores, como dificuldades financeiras, problemas com abuso de substâncias e até mesmo violências sofridas por eles próprios.

“Tem adultos que **normalizaram aquela situação**. Eles repetem principalmente porque não têm consciência de que aquilo é algo errado, porque vivenciaram a vida toda e é a forma de agir que eles aprenderam. Então, acabam replicando aquilo”, entende.

Consequências e sequelas do abuso sexual

Tanto o psicólogo quanto a promotora lembram que a violência sexual [gera repercussões danosas](#) para o desenvolvimento infantil, incluindo sinais como:

- automutilação
- isolamento social
- ideação suicida
- dificuldade de confiança em adultos
- alergias
- problemas respiratórios
- problemas alimentares
- distúrbios de sono
- maior agressividade
- eliminação involuntária de urina (enurese) ou de fezes (encoprese)

Pedro Alisson também lembra que, quando uma criança está em situação de abuso sexual, é muito provável que o desenvolvimento sexual dela aconteça de forma acelerada e precoce.

“

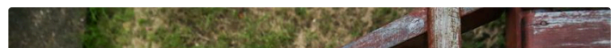
Há crianças que começam a querer se comportar como adultos, a imitar atitudes que não são próprias da idade. Até certo ponto isso é natural, faz parte da aprendizagem e da observação, mas é importante perceber os limites.

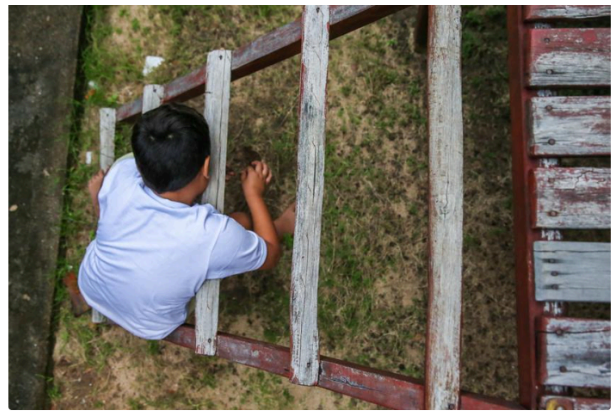
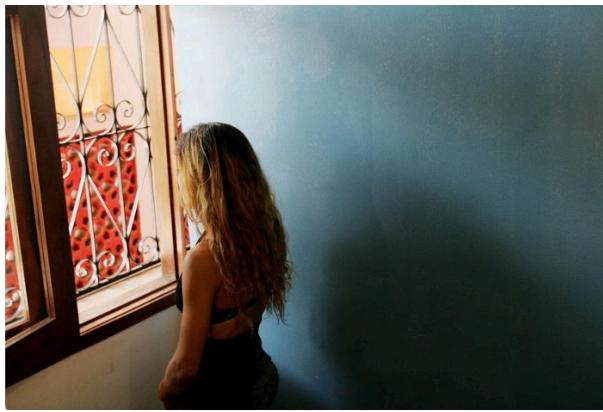
Pedro Alisson
Psicólogo de TdH Brasil

De forma geral, a criança passa por um **desenvolvimento psicosssexual natural e progressivo** desde o nascimento, descobrindo as primeiras sensações e o próprio corpo através do toque. Porém, alguns comportamentos precisam ser vistos com atenção.

“Por exemplo: não é esperado que uma criança de 10 ou 12 anos reproduza movimentos que simulem uma relação sexual. Isso não é natural. Quando ela imita comportamentos diretamente ligados a um ato sexual, isso é um sinal de alerta”, diz.

Segundo o psicólogo, crianças que demonstram curiosidade excessiva em tocar nas partes íntimas de outras pessoas também exigem atenção.





Legenda: Isolamento social e mudança de comportamento estão entre os sinais de violência sexual.
Foto: Patrícia Araújo/Rodrigo Gadelha.

Cuidado em todas as regiões

Com notificações pulverizadas em todo o Ceará, a promotora Karine Leopércio acompanha a rede assistencial de saúde para sensibilizar gestores e profissionais sobre a **identificação precoce dos casos**, uma vez que não se pode tratar somente os sintomas. O contexto também precisa ser investigado.

Um dos principais pontos desse trabalho é não revitimizar a criança ou adolescente, forçando-os a relembrar a violência em detalhes, e fazer os devidos encaminhamentos obrigatórios por lei, seja para o Conselho Tutelar ou outro sistema de proteção.

“É importante ter acesso àquela informação e **quebrar o ciclo de violência**, porque muitas vezes, quando o profissional de saúde se omite, pode até facilitar que haja uma situação de violência mais extrema depois”, alerta.

Em resposta a essa discussão, a Secretaria Estadual da Saúde (Sesa) organizou, em 2024, o [primeiro Manual do Cuidado Integral](#) à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente em Situação de Violência no Ceará.

O documento fornece orientações técnicas e descentraliza os cuidados para todas as regiões de saúde, para que o atendimento em qualquer uma delas “seja diferenciado, qualificado e acima de tudo humanizado”. Uma das recomendações é a adoção de **salas específicas para esse acolhimento**.

Ele também divulga a Rede Ponto de Luz, especializada em serviços ambulatoriais e hospitalares com profilaxias para o acesso à prevenção de gravidez indesejada e/ou Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Atualmente, ela está nas seguintes unidades:

- Hospital Geral de Fortaleza (HGF): Programa Flor de Lótus
- Hospital Infantil Albert Sabin (Hias): Ponto de Luz Hias
- Hospital Geral César Cals (HGCC): Programa Vitória Régia
- Hospital Distrital Gonzaga Mota (Gonzaguinha) José Walter: SAEV
- Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC): Programa Superando Barreiras
- Hospital Regional Norte (HRN): Ponto de Luz HRN

A equipe responsável pela iniciativa reforça que profissionais de todas as redes, inclusive na Atenção Primária dos municípios, precisam passar por capacitação para lidar com esses casos e evitar que eles passem despercebidos.



Legenda: Promotora Karine Leopércio afirma que redes municipais de saúde são provocadas a treinar profissionais no acolhimento às vítimas de abuso sexual.
Foto: Divulgação/Sindojus.

“

A violência sexual deixa maiores sequelas porque cria uma confusão dentro da criança. Aquela pessoa que é para ser o referencial que ela tem de família, de proteção, é quem agride, é quem invade, é quem constrange. Isso gera nela uma série de distúrbios que acabam repercutindo no desenvolvimento.

Karine Leopércio
Promotora de Justiça do Caosáude

Trabalho com os agressores

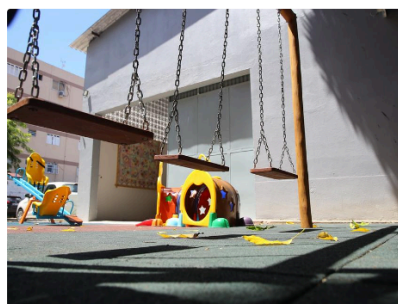
Os crimes sexuais contra crianças e adolescentes têm relação direta com o oportunismo para a satisfação sexual, segundo o médico psiquiatra Henrique Luz, coordenador do Atendimento Ambulatorial em Sexualidade Humana do Ceará (Atash) e membro do Departamento de Parafilias da Associação Brasileira de Estudos em Medicina e Saúde Sexual (Abemss).

Segundo o especialista, numa sociedade com discursos de misoginia (ódio a mulheres), machismo e sexismo (ideia de superioridade masculina), mulheres e até crianças são entendidas como posses dos homens.

“Há essa ideia de que o outro é sua propriedade e que pode ser utilizado, inclusive sexualmente. Então, esses avós, pais, tios, vãos, de alguma forma, expressar o **sentimento de dominação e de controle** pela via sexual”, aborda.

Nesses casos, não há um interesse específico em faixas etárias mais baixas, mas o aproveitamento de alguma oportunidade para dar vazão a impulsos sexuais..

“Eles precisam reforçar a ideia de que detêm o poder, de que são potentes do ponto de vista social e sexual e que podem usufruir de quem quer que seja. Sendo uma criança, que não vai ter condições de falar ou de expressar o que aconteceu, isso facilita”, afirma o especialista.



Legenda: Casa da Criança e do Adolescente, em Fortaleza, é referência no atendimento a essas vítimas.
Foto: Fabiane de Paula.

Ainda segundo Henrique, a maioria desses crimes não tem a ver com pedofilia, um transtorno psiquiátrico descrito na Classificação Internacional de Doenças (CID) e caracterizado pelo interesse compulsivo por atividades sexuais envolvendo crianças ou adolescentes. Contudo, o diagnóstico é complexo e abrange uma parcela pequena da população.

“

Personalidades mais narcisistas ou mais antissociais, que são mais popularmente conhecidas como ‘psicopatas’, não vão ter uma conexão emocional com outro. Para elas, não interessa a subjetividade do outro, mas exercer meu desejo.

Henrique Luz
Médico psiquiatra

Por isso, além da assistência às vítimas, é preciso desenvolver trabalho com os agressores sexuais para **prevenir a reincidência dos crimes**. Ainda incipiente no Brasil, esse modelo já é colocado em prática em outros países, como Portugal, Suécia e Alemanha, de maneira experimental, ligada a instituições de ensino e pesquisa.

Contudo, segundo o psiquiatra, o acompanhamento nem sempre trará resultados positivos. Isso depende de fatores psicológicos individuais, como o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS).

Para ser mais efetiva, essa intervenção especializada precisa, de alguma forma, causar angústia, sofrimento ou empatia em relação ao outro que foi vitimizado. Ou seja, o indivíduo precisa ser questionado a modificar sua posição diante da situação.

VEJA TAMBÉM



CEARÁ

Adultização, falha no ensino e subnotificação favorecem crimes sexuais contra crianças e jovens



SEGURANÇA

‘Pandemia de violência sexual’, alerta procuradora sobre casos de crianças e adolescentes vítimas

Rede de repressão e assistência

Para reforçar o combate a qualquer tipo de violência contra crianças e adolescentes, a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS) afirma manter estratégias de prevenção e repressão aos crimes sexuais.

A Polícia Civil (PCCE), dispõe da Delegacia de Combate à Exploração da

A Perícia Forense do Estado do Ceará (Pefoce) também conta com o Núcleo de Atendimento Especial à Mulher, Criança e Adolescente (Namca), que fornece acolhimento durante a realização de exames para constatar esse tipo de violência.

- Polícia Militar - 190;
- Secretaria Nacional dos Direitos Humanos - Disque 100 ou WhatsApp (61) 99656-5008
- Conselho Tutelar de Fortaleza, - (85) 3238.1828;
- Delegacia de Combate à Exploração da Criança e do Adolescente - (85) 3101-2044/2045;
- Ministério Público do Ceará - 127;
- Casa da Criança e do Adolescente - (85) 98736-4088 e (85) 98976-8946.

Mylena Gadelha e Nicolas Paulino Repórteres **Louise Anne Dutra** Arte
Dahiana Araújo Editora de Cotidiano **Karine Zaranza** Coordenadora de Jornalismo
G. André Melo Gerente de Audiovisual **Ívila Bessa** Gerente de Jornalismo
Gustavo Bortoli Diretor de Jornalismo

Todos os direitos reservados. Conteúdo protegido pelas leis de propriedade intelectual e de direitos autorais. O conteúdo não pode ser republicado, reescrito ou redistribuído, sob pena de responsabilização do infrator no âmbito cível e criminal.